

UDSON DANIEL XAVIER DE SOUSA



ENCONTROS NO CAMINHO

UMA EXPERIÊNCIA SOBRE A PEDAGOGIA DA ESCUTA

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

UDSON DANIEL XAVIER DE SOUSA

ENCONTROS NO CAMINHO

UMA EXPERIÊNCIA SOBRE A PEDAGOGIA DA ESCUTA

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): Prof. Dra Maria do Céu Diel de Oliveira.

Belo Horizonte

Escola de Belas Artes da UFMG

2015

Sousa, Udson Daniel Xavier, 1980 -
Encontros no caminho: Uma experiência sobre a Pedagogia da
Escuta: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Udson Daniel
Xavier de Sousa. – 2015.
32 f.

Orientador(a): Prof. Dra Maria do Céu Diel de Oliveira

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da
Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como
requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de
Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Oliveira, Maria do Céu Diel de.
II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III.
Título.

CDD: 707



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *Encontros no caminho: Uma experiência sobre a Pedagogia da Escuta*, de autoria de Udson Daniel Xavier de Sousa, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dra Maria do Céu Diel de Oliveira - Orientadora

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha – Membro da banca

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901

LISTA DE IMAGENS:

Figura 1: Udson Xavier: <i>Velocípede</i> , 2015.	12
Figura 2: Udson Xavier: <i>Sem título</i> , 2010. Acrílico sobre tela. 60 x 80 cm.	14
Figura 3: Udson Xavier: <i>Sem título</i> , 2011. Óleo sobre tela. 45 x 10 cm.	14
Figura 4: Udson Xavier: <i>Sem título</i> , 2011. Óleo sobre tela. 100 x 30 cm.	15
Figura 5: Alunos da Escola Estadual Tito Lívio de Souza: <i>Montagem com trabalhos dos alunos</i> , 2015. Desenho e colagem.	26
Figura 6: Udson Xavier: Alunos montando a Parede da Memória, 2015. Fotografia.	27
Figura 7: Udson Xavier: Pormenor da parede de memória, 2015. Fotografia.	28
Figura 8: Udson Xavier: Pormenor da parede de memória, 2015. Fotografia.	29
Figura 9: Udson Xavier: Pormenores da parede de memória, 2015. Fotografia.	30

RESUMO:

Esta monografia apresenta uma reflexão sobre as experiências que forjaram em mim a descoberta e a paixão pela arte, construindo no meu ser, o desejo de ser um artista e, depois do artista, um professor. Portanto, neste trabalho escrevo sobre as dificuldades em construir minhas próprias metodologias no processo de ensino/aprendizagem, na qual encontrei uma direção em algumas influências, como na Pedagogia da Escuta, implantada por Loris Malaguzzi em Reggio Emilia, na Itália. Depois de algumas reflexões, é apresentada uma atividade prática que mostra um pouco do que encontrei para construir minhas metodologias em ensino/aprendizagem em arte.

PALAVRAS-CHAVE:

Reflexão – Arte – Ensino/aprendizagem – Loris Malaguzzi – Reggio Emilia – Metodologia.

ABSTRACT:

This monograph presents a reflection about the experiences that shaped me the discovery and passion for art and built in me the desire to be an artist and then the artist, a teacher. Therefore in this paper I write about the difficulties I had to develop my own methodologies in teaching/learning process, in which I found direction in some influences, such as Pedagogy of Listening that was set by Loris Malaguzzi in Reggio Emilia, Italy. After writing about my own experiences that awakened in me the desire to be an artist, this paper presents a practical activity that shows a bit of what I found to develop my methodologies in teaching/learning in art.

KEYWORDS:

Reflection – Art – Teaching/Learning – Loris Malaguzzi – Reggio Emilia – Methodology.

SUMÁRIO:

Introdução.....	09
Capítulo 1: O começo.....	11
Capítulo 2: Outro caminho.....	18
Capítulo 3: Praticando sentimentos.....	23
Considerações.....	31
Referências.....	32

INTRODUÇÃO

São muitas as definições do que é arte, porém, nenhuma chega a ser verdadeiramente absoluta ou unânime. O certo é que a arte, em vários momentos da história teve grande destaque, sendo um reflexo do meio social, da cultura e do pensamento em que estava inserida.

A arte apresenta em sua subjetividade um infinito caminho para a peculiaridade, cada um – ainda que o processo possa ser no coletivo – cria ou descobre seu jeito de entender, absorver, fruir e construir. Dessa forma, esta escrita que se apresenta como monografia para a conclusão do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais – CEEAV, pela Escola de Belas Artes da UFMG, propõe esclarecer, algumas reflexões no meu processo como indivíduo, artista e professor de Arte.

As experiências que tive durante a vida, direcionaram-me para a arte, sempre gostei de imagens, queria compreendê-las de alguma maneira, a fruição acontecia sem ao menos saber o que era isto, tomava posse daquilo e criava no imaginário, situações dinâmicas para a imagem inerte que estava diante de mim. A curiosidade sobre os materiais me fazia querer investigar, conhecer, por exemplo, como uma pintura era feita. A afinidade gerou em mim a paixão e o sonho de ser artista. Ser artista gerou o desejo de dividir o que eu sentia e percebia com o outro, isso, conseqüentemente, me fez um professor de Arte.

Quando cursava a licenciatura, converti-me ao Protestantismo e conhecendo os ensinamentos de Jesus Cristo, despertou-se em mim alguns sentimentos para com outro, como: o amor, a humildade, a paciência, a compaixão, a misericórdia e o forte desejo de querer o melhor para os outros, o que gerou em mim a crença de que as histórias podem ser mudadas, quando insistimos e seguimos nossos valores, ainda que o outro não faça ideia do que sentimos de verdade.

Isto tudo acarretou na necessidade de pensar e construir minhas metodologias de ensino/aprendizagem, situações que se apresentaram quando fui exercer o ofício de lecionar Arte. Portanto, este trabalho vai apresentar alguns referenciais teóricos, que provocaram influências na minha forma de pensar, como é o caso da teoria Sócio-

interacionista de Vygotsky e a Abordagem de Reggio Children, proposta pelo pedagogo Loris Malaguzzi.

A influência de Vygotsky deu-se no sentido em que absorvemos do meio em que estamos inseridos, os vários elementos na construção do “ser”, durante o processo cognitivo. Enquanto que, em Loris Malaguzzi, extraio da linda história, o ensinamento de que devemos recomeçar dos destroços, como foi o caso de Reggio Emilia na Itália, comunidade que ficou devastada pela Segunda Guerra Mundial, mas que viu na escola, uma forma de reerguer o cenário social, político e cultural, ou seja, com a determinação dos moradores, construiu-se uma nova proposta de escola para crianças pequenas, de até seis anos. A proposta dessa rede de escolas, intitulada Reggio Children¹, nos ensina a necessidade de ouvir as crianças no desenvolvimento dos projetos, dando a elas o poder de serem autônomas e de vivenciarem as atividades com maior profundidade.

As reflexões feitas a partir das demasiadas experiências e influências, vão mostrar neste trabalho, algumas atividades que propus, na expectativa de encontrar um caminho que aprimore o processo de ensino/aprendizagem da Arte. Desse caminho, encontrei apenas o início, ao menos é a expectativa que guardo em mim, pois há muito a ser trilhado.

¹ Reggio Children é o nome da rede de escolas para crianças pequenas, enquanto que Reggio Emilia é o nome da cidade, situada no nordeste da Itália.

CAPÍTULO 1: O COMEÇO

Tudo tem um começo, dificilmente escapamos dele, pois vivemos um presente tão efêmero, que quase não o percebemos, por isto estamos tão ligados ao início que, na verdade, é o passado. O passado são memórias abstratas, que costumamos concretizá-las em coisas. Dessa forma, começo esta reflexão do início...

As coisas estão por aí, despercebidas! A imagem que também é uma coisa, às vezes, anda despercebida, até o momento em que ela grita, acena e salta aos nossos olhos, como fogos de réveillon, chamando a atenção e nos convidando à experiência estética.

Como artista plástico e professor de Arte, traduzo ou expresso pensamentos, sentimentos, reflexões, através do imagético. A imagem sempre chamou minha atenção, seja em livros, televisão, possíveis desenhos em nuvens, entre outros exemplos. Portanto, inicio esta escrita, buscando a primeira experiência estética com a imagem.

Nesta busca, mergulho em memórias tão remotas, que nem parecem minhas, e isto não quer dizer que acredito em vidas passadas ou que estas lembranças são de outra vida, mas falo pelo inconstante caminho que trilhamos, caminho de mudanças chamado: vida. Então, na busca pela primeira imagem percebida, lembro-me de meados da década de 80, talvez aos cinco anos de idade, deitado em um colchão finíssimo, sobre uma cama feita com quatro forquilhas e algumas varas, em um barraco de pau a pique, em uma carvoaria, onde morávamos para meu pai trabalhar. Recordo-me que ao entardecer, vi um livro de capa vermelha, que trazia em sua contracapa um velocípede azul, feito apenas com linhas (fig. 1). Esta é a imagem mais antiga que guardo em minha memória, ao menos, é o que acho.



Fig. 1: Udson Xavier: Velocípede, 2015.

Esse velocípede ganhou vida na minha imaginação: eu andava pelas estradas improvisadas em meio à mata, ia até a cidade e voltava. Trilhando o trajeto na velocidade do pensamento, ficava várias tardes andando em meu velocípede imaginário, enquanto olhava a imagem na contracapa do livro vermelho. Este brinquedo foi o primeiro sonho de infância, sonho gerado pela imagem.

No final da década de 1980, surgiu a experiência do desenho. Com a pretensão de ser desenho, meu irmão mais velho começou a desenhar e acabou ficando conhecido na pequena cidade de Cachoeira de Pajeú como um desenhista. Ele experimentava vários suportes, como: paredes da casa, portas de guarda-roupas, madeiras, dentre outros, mas não era pela experimentação e sim pela falta de recursos. Como são comuns, os irmãos mais jovens, querem fazer o que os mais velhos fazem, assim aconteceu também comigo, segui os passos do meu irmão. Ele parou e eu continuei.

Não gostava muito de estudar, mas as aulas que tinham imagens me chamavam a atenção, por exemplo, os desenhos de células com giz coloridos sobre o quadro negro, os radicais de raiz quadrada, os mapas mal desenhados pelos professores etc. Quando não havia desenhos no quadro, olhava a janela, via o rio, a rua do outro lado do rio, onde vez ou outra passava um carro – em cidade pequena nos anos oitenta, não havia muitos carros. Olhava as nuvens inconstantes em suas formas, mesmo sentado e preso dentro da sala de aula, eu vagava, através da imaginação

por todo aquele universo proibido para mim. A imagem quando não estava nos olhos, estava no imaginário.

Durante o percurso de vida, continuei fruindo imagens. Observava livros e algumas me chamavam a atenção, pela representação realista, falo da arte acadêmica, que predominou por vários séculos. Porém, uma curiosidade brotava em mim, pois lia nas legendas que eram óleo sobre tela, mas o que era isto? Um dia, já morando na região da capital mineira, tive um professor que estudava na Universidade Federal (UFMG) e fui tirar a dúvida, perguntei a ele o que era esse tal óleo sobre tela, então, ele disse que era tinta óleo comum, ainda assim, não compreendi muito bem o que era isso.

Posteriormente, descobri que a tinta óleo usada na pintura, era composta de óleo de linhaça, pigmento e outros componentes, e é uma das possibilidades de se pintar quadros. Com esta experiência, compreendi que as dúvidas mais simples que o outro tem, devem ser esclarecidas com todo cuidado e zelo. Assim, procuro ter esta posição enquanto educador.

No ano de 2008, começa uma nova etapa na minha vida. Depois do meu quinto vestibular (três na UFMG e dois na UEMG), comecei a fazer o curso de Artes Plásticas na Escola Guignard – UEMG. Continuei com a antiga paixão: pintura a óleo, mas surgiram outras, como a gravura em metal e a aquarela. No segundo ano do curso, decidi que não queria ser um aluno de arte, e sim um artista. Assim, continuei o curso, absorvia o que era ensinado nas aulas, mas sempre com uma proposta autoral.

Comecei meus trabalhos produzindo imagens que representavam minha região natal (Cachoeira de Pajeú e Pedra Azul, no Vale do Jequitinhonha – Minas Gerais). Usava o cacto como uma metáfora de mim mesmo (fig. 2), isto é, entendo este vegetal como um símbolo de resistência, que suporta as hostilidades de uma terra seca e quente, achava (ainda acho), que esta é uma realidade humana diante da vida, assim sou eu.

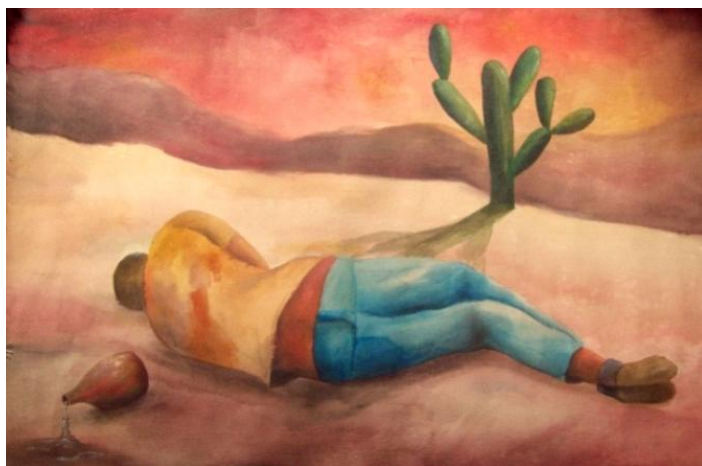


Fig.2: Uilson Xavier: *Sem título*, 2010. Acrílica sobre tela. 60 x 80 cm.

Mas no meio do caminho, decidi abandonar o cacto, pois ele estereotipava, direcionava e conduzia a leitura do trabalho, limitando a fruição do espectador a uma mera paisagem desértica. Tirando o cacto e sintetizando a imagem, o trabalho ganhou liberdade de interpretação e fruição, pois dava a possibilidade de ir além do estereótipo de uma paisagem do sertão (fig. 3).



Fig. 3: Uilson Xavier: *Sem título*, 2011. Óleo sobre tela. 45 x 10 cm.

A partir daí, surge “Versões de uma paisagem”, que foi meu trabalho de conclusão de curso do Bacharelado em Artes Plásticas, concluído no ano de 2011. Fiz uma pesquisa de campo, fotografei, fiz gravuras e pinteí paisagens da minha terra natal, propondo um pensamento em arte (fig. 4). Esta experiência começou da seguinte forma: Em determinado dia, fiz a pé um trajeto que costumava fazê-lo de motocicleta, então, notei o caminho de maneira diferente, isto é, a pé com velocidade menor e olhar atento, vi outros elementos que compunham a paisagem, enquanto no veículo via apenas as coisas com maior apelo visual. Com isso, percebi que dependendo das nossas referências, podemos ver o mesmo caminho de várias

maneiras. Creio, então, que cada indivíduo percebe o mundo à sua volta de maneira(s) diferente(s). Partindo deste ponto, inseri em meu trabalho este pensamento: As várias possibilidades de se perceber um mesmo lugar.



Fig. 4: Uilson Xavier: *Sem título*, 2011. Óleo sobre tela. 100 x 30 cm.

Sendo assim, – eu, um indivíduo que percebe o espaço de diversas maneiras, a depender do meu modo de olhar, da luz sobre o ambiente, das estações do ano, entre outras coisas – propus, então, novas versões do espaço que via e vejo, desse modo, ofereci ao espectador a possibilidade de fazer novas interpretações da paisagem representada em minha imagem, dependendo de sua bagagem cultural, influências e referências.

Enfim, quando concluí o bacharelado, pedi obtenção de novo título, e em 2012, comecei a cursar Licenciatura em Educação Artística pela mesma escola Guignard – UEMG. O caminho da educação surgiu por dois motivos específicos: primeiramente, queria ficar mais um tempo na universidade, para aprender mais sobre arte e o segundo, a necessidade de trabalho, porém, acabei me apaixonando pelo ofício de lecionar.

Antes de terminar a licenciatura já estava lecionando, foram momentos difíceis, era o tempo de encarar a realidade, uma realidade bem diferente do que eu idealizara, pois existia a indiferença dos alunos pela arte, algo que é tão valioso para mim, a falta de materiais ou espaço adequado para se propor um trabalho, a falta de metodologia de ensino/aprendizagem gerado pela minha falta de experiência etc. A partir daí, encontrar uma metodologia de ensino, uma pedagogia, era o meu foco, eu

queria trabalhar da melhor maneira possível, porém um desafio estava diante de mim: o desafio de lecionar.

O desafio de lecionar está ligado a uma pedagogia a ser usada. Dessa maneira, encontrar um caminho, uma pedagogia e suas metodologias, foi trabalhoso, porque, este ofício é peculiar. Cada professor tem sua maneira de lidar com a sala de aula, ainda que sigam a mesma pedagogia. Sendo assim, entendo que, estudar métodos existentes e refletir sobre teorias cognitivas possa ser o caminho. Contudo, é bom ter cuidado para não cair em receitas, algo que não funciona com eficácia no ensino/aprendizagem em arte.

Como professor de arte, no início, até quis encontrar uma metodologia de ensino já pronta, para apenas desenvolver as tarefas em sala, mas isto foi impossível, me deparei com indivíduos que pensavam, aceitavam ou rejeitavam as propostas, eles estavam vivos, com vontades e gostos. Eram e são diferentes uns dos outros. Assim, usar algo pronto não funcionou, tive que encontrar uma direção.

Seguindo em busca de um entendimento sobre o ensino/aprendizagem em arte, descobri Vygotsky com sua teoria sócio-interacionista, que defende que a formação do homem como “ser” se dá a partir do que este indivíduo absorve da sociedade ou cultura em que vive. Vygotsky fala de relações, da formação de um ser, que se dá através do que se absorve nestas relações com seus antecessores nesta sociedade ou cultura.

Em concordância com Vygotsky, acredito que somos seres formados a partir do meio que vivemos, nessa perspectiva, decidi trabalhar a arte como reflexão para trazer à tona a discussão sobre as influências que recebemos. Uma reflexão que deve provocar e levar o aluno a se posicionar como “ser” crítico, para se tornar seletivo às influências que absorverá, pois a influência é inevitável. Mas qual será esta influência? Isto é o “X” da questão, em uma sociedade globalizada, onde a cultura de massa impera e dita o que é e o que não é. Nesta situação o indivíduo deve se colocar como ser pensante, autônomo, que seleciona, na medida do possível, aquilo que é bom para si.

Outra agradável surpresa que surge no tempo de escrita desta monografia, através da orientação, é a Pedagogia da Escuta, proposta por Loris Malaguzzi na Itália, em Reggio Emilia. Escutar é um grande desafio! Como seres humanos, em geral, não gostamos muito de escutar, gostamos de falar, de sermos percebidos. Escutar, ouvir crianças é algo quase impensável para os adultos. Daí a beleza da pedagogia de Loris Malaguzzi, de escutar e extrair da criança, a pureza com que se relaciona com o mundo.

Esta história começa depois do fim da Segunda Guerra Mundial, a Itália foi devastada no confronto da grande guerra. As mulheres de um vilarejo chamado Villa Cella, próximo a Reggio Emilia, decidiram organizar uma escola para os filhos. O pedagogo, Loris Malaguzzi, foi ao encontro deste projeto e acabou implantando a idéia de uma pedagogia inovadora, onde se trabalhava com projetos que surgiam através de propostas dos próprios alunos, trabalhando as múltiplas linguagens e também a interação com os adultos.

“A criança é feita de cem... A criança tem cem linguagens (e depois cem, cem, cem), mas lhe roubaram noventa e nove. A escola e a cultura lhe separam a cabeça do corpo... Dizem lhe enfim: que o cem não existe. A criança diz: ao contrário o cem existe. (MALAGUZZI, 1999, página 5).

Em contrapartida, o sistema de ensino tradicional oferece ao aluno um modelo pré-estabelecido a ser seguido, onde o professor expõe a receita. Concordo com Malaguzzi, que isto acaba podando a essência imaginativa da criança, limitando-a a caminhar por uma estrada já pronta, impossibilitando de romper os obstáculos para construir seu caminho.

Infelizmente, a cultura e a escola acabam roubando as “noventa e nove linguagens”, deixando apenas a velha estrada pronta. Esta constatação nos é revelada no cotidiano da escola, onde alunos, que ainda crianças, foram direcionadas por uma pedagogia impositiva do que é ou não é, chegando à adolescência, com a imaginação travada, tendo a dificuldade de romper com esta barreira.

Uma pedagogia como a de Reggio Children, usada nos primeiros anos de vida da criança, coloca este indivíduo como um ser atuante, crítico, que opina e que participa da construção do universo do qual participa. Esta pedagogia pode ser usada, ao

menos em tese, para provocar ao adolescente e ao quase adulto, do ensino médio, que “o cem” existe.

CAPÍTULO 2: OUTRO CAMINHO

Este capítulo faz uma reflexão sobre a abordagem pedagógica de Reggio Children, implantada por Loris Malaguzzi (1920 – 1994), que foi detalhada no livro “As cem linguagens da criança”, dos autores Carolyn Edwards, George Forman e Lella Gandini. Aqui, ainda discute-se como a idéia desta pedagogia, que é usada com crianças de até seis anos, pode ser extraída e ser usada como proposta de ensino/aprendizagem com alunos do ensino médio.

A abordagem de Reggio Children propõe nova perspectiva em relação à criança, respeitando-a como ser, reconhecendo que a partir de projetos, que são experiências práticas e contínuas, estes indivíduos podem descobrir com maior profundidade parte do imenso mundo no qual estão inseridos.

Esta história se inicia no pós-guerra, devido à necessidade da população de criar escolas em uma Itália devastada nos confrontos da Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945). A construção da primeira escola dá-se de uma maneira bem poética. Poética, talvez, por alguém que não viveu os horrores da devastação em Villa Cella, Vilarejo próximo a cidade de Reggio Emilia (nordeste da Itália), onde Loris Malaguzzi ouviu falar sobre a idéia da construção de uma escola para crianças pequenas. Segundo a história, na primavera de 1945, Malaguzzi montou em sua bicicleta e foi em direção ao pequeno vilarejo e encontrou mulheres lavando pedaços de tijolos para construir o prédio escolar em um pedaço de terra doado por um fazendeiro, e que conseguiram dinheiro para a construção a partir da venda de um tanque, alguns caminhões e cavalos deixados para trás, quando os alemães partiram em retirada da Itália. A partir daí, nasce no coração dos envolvidos, a ideia de dar à criança o direito de “ser”.

Desejávamos reconhecer o direito de cada criança ser um protagonista e a necessidade de manter a curiosidade espontânea de cada uma delas em um nível máximo. Tínhamos de preservar nossa decisão de aprender com as crianças, com os eventos e com as famílias, até o máximo de nossos

limites profissionais e manter uma prontidão para mudar pontos de vistas, de modo jamais ter certezas demasiadas. (MALAGUZZI, 1999, p. 62).

Depois de uma opressão vivida pelo regime Fascista, – tempo em que o sistema educacional para a primeira infância era regido pelo modelo institucionalizado, tendo como referência a Igreja Católica, onde os educadores planejavam suas aulas e transmitiam aos alunos e estes recebiam o ensino de maneira passiva – Malaguzzi e as famílias de Villa Cella decidiram romper e implantar um novo modelo educacional, onde a criança exerce seu direito de “ser”, que pensa, que tem curiosidades e que fará descobertas de maneira espontânea. Esta proposta apresenta uma generosidade e humildade cativante, pois os próprios educadores guardam em si a necessidade de aprender com as crianças, com as famílias e com as experiências vivenciadas, descartando certezas demasiadas, mas sempre abertos a novas descobertas a partir das experiências.

As crianças pequenas não são encaminhadas correndo ou sequencialmente apressadas de uma atividade para outra diferente, mas são encorajadas, ao invés disso, a repetir experiências fundamentais, a observar e re-observar, a representar e novamente representar. (EDWARDS, FORMAN, GANDINI, 1999, p. 25).

A abordagem de Reggio Children, como é exposta na citação acima, nos ensina uma proposta, onde o ensino não é segregado, mas mostra como de um todo se pode extrair vários aprendizados. As experiências do ensino, o aprender são a própria vida, por exemplo, vivemos matemática o tempo todo, nas horas do dia, na distância que percorremos de um lugar a outro, na quantidade de calorias que comemos, na arte, na língua materna ou estrangeira. É isto que o pensamento trabalhado em Reggio Children nos propõe, que não se deve segregar o ensino/aprendizagem, pois quando acontece à segregação, é tirado de nós o todo, somos seres que temos tudo em nós. E uma experiência abrangente e continua pode dar maiores possibilidades de absorção e entendimento.

Ou seja, depois de uma grande tempestade, onde quase ou tudo foi destruído, vem a calma, e nesta calma resta observar, lamentar e, enfim, recomeçar. Recomeçar significa reconhecer que a vida é o mais importante, não só a nossa,

mas também a do outro, reconhecendo que o sol nasce para todos e as oportunidades devem ser repartidas a todos. Talvez, fosse este sentimento que tomou conta dos fundadores da abordagem de Reggio Children, eles acreditavam que as crianças possuíam direitos de desenvolver sua inteligência, de serem capacitadas para enfrentar as dificuldades que certamente viriam no decorrer da vida, e lidando com os acertos e desacertos nas atividades propostas, poderiam aprender a lidar com o sucesso e frustrações que acontecem durante o processo de educação na primeira infância e no decorrer da vida. Acreditavam na oportunidade do sucesso e que suas crianças possuíam este direito.

Se as crianças possuíam direitos legítimos, então elas também deveriam ter oportunidades de desenvolver sua inteligência e de serem preparadas para o sucesso que não deveria e não lhes poderia escapar. Esses eram os pensamentos dos pais, expressando uma aspiração universal, uma declaração contra a traição do potencial das crianças, e um alerta de que elas, antes de tudo, precisavam ser levadas a sério e merecer nosso crédito. (MALAGUZZI, 1999, p. 67).

Como já disse, a abordagem educacional de Reggio Children propõe trabalhar com projetos, pois entendem que desta maneira, as crianças podem absorver de forma mais completa e com maior profundidade as experiências. Nesta proposta de projetos, as crianças são instigadas a tomarem decisões para execução dos mesmos, sendo assim, assumem uma responsabilidade e desde já vão aprendendo a lidarem com as conseqüências de cada gesto ou atitude, percebendo, em alguns momentos, a alegria ou a frustração do inesperado que surge com as atividades. Desta maneira, já vão se preparando para a realidade da vida como um todo, em suas várias fases.

Os educadores de Reggio Children gostam de trabalhar com coisas do cotidiano, pois os alunos podem aproveitar os próprios conhecimentos para crescer as atividades, podem assumir a liderança nas atividades, planejar, fazer observações, comentar etc. Eles acreditam que o trabalho com projetos relacionados ao cotidiano, devido à familiaridade e intimidade, gera autonomia nas crianças, enquanto, que os temas exóticos e distantes fazem as crianças dependerem dos professores para direcionar as experiências, inibindo-as da condição de serem autônomos.

Muitos professores norte-americanos preferem introduzir tópicos mais exóticos com os quais esperam “capturar” ou excitar o interesse das crianças, presumivelmente sob a suposição de que os objetos e eventos do cotidiano não são interessantes. Entretanto, o trabalho dos pré-escolares de Reggio Emilia indica que os processos de “desempacotar” ou tirar a familiaridade de objetos e de eventos do cotidiano pode ser profundamente significativo e interessante para elas. (KATZ, 1999, p. 39 - 40)

Com a idéia de extrair do cotidiano, situações para as crianças vivenciarem, perceberem e expressarem como experiência, um grupo de crianças de quatro e cinco anos, fizeram um estudo sobre um grande supermercado. As crianças fizeram várias visitas, em uma delas o supermercado estava fechado para o público, sendo assim as crianças tiveram a oportunidade de observar as características do local, desenhar objetos e outras características que chamaram a atenção. A respeito do supermercado, as crianças relataram a experiência da seguinte maneira:

Ele é tão grande quanto uma floresta.
A gente pode se perder dentro dele, como na Vila Emilia.
É grande como a baleia do Pinóquio.
Parece uma piscina.
O homem no supermercado divide as coisas pela metade, metade em uma prateleira e metade na outra. (Depoimentos das crianças. 1999, p. 41).

Trabalhar com coisas do cotidiano, ou fazer desenhos a partir de observações, não quer dizer que a capacidade imaginativa seja inibida, muito pelo contrário, as crianças fazem leituras peculiares, ligando o objeto de estudo às experiências lúdicas vividas e absorvidas pelo meio, isso pode ser observado, por exemplo, quando uma criança diz que o supermercado “é grande como a baleia do Pinóquio”.

Falando um pouco mais sobre a proposta de projetos, a proposta de Reggio Children, acredita que os trabalhos mais longos levam as crianças a terem experiências profundas do tema estudado ou vivenciado, ao contrário de atividades separadas, com pouco tempo, que ficam sempre na superficialidade. Os projetos trabalhados rumam sempre ao inesperado, tudo é imprevisível, desta forma, professores e crianças trabalham com as questões que surgem no decorrer do caminho.

A proposta de Reggio Children tem como característica, escutar as crianças, e a partir desta escuta, os professores analisam e colocam o projeto para ser executado. Certa vez, uma criança levou um pôster do sistema solar, então, surgiu um extenso

projeto sobre o sistema solar e de viagens espaciais. As crianças fizeram desenhos, pinturas e até uma estação espacial, experimentando vários materiais, imaginando viagens e encontro com seres alienígenas.

O trabalho das crianças na proposta de Reggio Children é tratado com muita seriedade, as atividades são documentadas em vídeos e fotografias para serem analisados pelo grupo pedagógico da escola, para perceberem e descobrirem o processo com melhor desempenho, já que a maior quantidade de acontecimentos que guardamos na memória costuma se perder. Os trabalhos executados também servem para uma leitura posterior, despertando outras possibilidades, isto é, vão além de atividades levadas para casa no fim do dia para serem engavetadas ou descartadas.

A história desta pedagogia como um todo, nos ensina que em meio às dificuldades, pessoas generosas que sonham e acreditam, podem romper os demasiados obstáculos para construção de outra perspectiva, além da que se apresenta diante de nós no nível mais superficial da observação, e isto é uma boa lição que podemos aprender com os sonhadores da pequena Villa Cella, na primavera de 1945. Talvez, foram inspirados pelas flores que brotaram depois do inverno.

A minha reflexão na leitura da pedagogia de Reggio Children, não é de implantá-la nas minhas aulas, pois a realidade é outra, passando pela idade dos alunos, pelo currículo etc. Mas, o que pretendo é estar sensível e atento ao que pode surgir a partir dos alunos, em suas falas, em suas propostas e no que pode aparecer de maneira imprevisível e pensá-las com maior profundidade, pois os alunos são uma fonte de proposições para se trabalhar em sala de aula.

Quando estava lendo sobre Loris Malaguzzi e refletindo sobre a pedagogia da escuta, aconteceu algo extraordinário. Em um dia, em uma turma do 1º ano do ensino médio, no primeiro horário pela manhã, estava dando minha aula planejada, mas, repentinamente, entra uma aluna, atrasada e reclamando da vida, dizendo que queria trocar de pai, entre outras questões. Fiquei em silêncio observando. Foi então que me lembrei da pedagogia da escuta, e a partir dos conflitos que ouvira da aluna, desisti da aula que estava trabalhando e decidi propor uma reflexão sobre conflitos. Propus uma atividade em que os alunos deveriam pensar quais eram seus conflitos

e, em seguida, como poderiam ser resolvidos. Esta proposta durou duas aulas e em alguns casos perdurou por mais algum tempo.

Outra reflexão que extrai da pedagogia de Reggio Children, foi a respeito da responsabilidade e autonomia que é dada às crianças. No nosso sistema educacional, ao menos nas escolas que já trabalhei, os alunos se preocupam mais com notas e em passar de ano, do que com o vivenciar e o aprender com as experiências. Para contrapor este costume, propus aos alunos do 3º ano do ensino médio, que ao invés de eu propor a atividade, eles iam decidir o que fariam e apresentariam para mim. Foi uma bela experiência, acharam que era brincadeira. O que mais surgiram foram perguntas, como: “É sério?”, “Como assim?”, “Mas o que podemos fazer?” etc. Diante da resposta de que poderiam fazer qualquer coisa, meio que desconfiada, mas ao mesmo tempo empolgada, uma aluna tomou frente e começou perguntar para a turma o que poderiam fazer. Decidiram que iam fazer teatro. Separaram a turma em grupos, mas logo apareceram os conflitos, alguns alunos não queriam teatro, e diante da autonomia da escolha, uns disseram que iam fazer desenhos, vídeos e outros nem imaginavam ainda o que fariam.

Esta proposta surgiu da reflexão feita a partir da leitura sobre o que era a pedagogia em Reggio Children, lá a criança toma sobre si a responsabilidade de escolher, pensar, de ser autônomo e ativo diante dos problemas surgidos, no intuito de solucioná-los. Não tenho ainda um resultado sobre o que propus aos alunos, eles escolheram a data no qual apresentaria seus trabalhos e decidiram que seria no final de novembro. Mas, isto não é necessariamente o mais importante, e sim, o fato de que, talvez, pela primeira vez na vida escolar, estes alunos tiveram o direito de serem livres para pensar e expor o que realmente querem, para vivenciarem sem esperar de um professor a direção que deve ser tomada.

CAPITULO 3: PRATICANDO SENTIMENTOS

Este capítulo expõe algumas experimentações que surgiram a partir da reflexão abordada neste trabalho. Segundo Vygotsky em sua teoria sócio-interacionista somos seres formados a partir do meio em que estamos inseridos, portanto, entendo

que o sujeito tem que se situar como indivíduo, para refletir sobre as influências que absorve deste universo. Para exemplificar esta reflexão, apresento o projeto “Gênese”, executado no início do ano letivo de 2015, na Escola Estadual Tito Lívio de Souza, em Betim (Minas Gerais). O trabalho foi feito com alunos do 1º, 2º e 3º anos do ensino médio e durou quatro aulas de cinquenta minutos.

Como já foi falado, vivemos em um tempo dividido em passado, presente e futuro. O passado são memórias abstratas, não podemos tocá-las. O presente, o qual vivemos, é um instante fugaz, efêmero, ligeiro, que mal vemos passar, e dele depende o passado que iremos contar ou a direção do futuro. O futuro é uma incógnita. Agostinho de Hipona (354 – 430) fez uma reflexão sobre isso no livro “XI da obra Confissões”. Diante do exposto, o projeto “Gênese” começa com a proposta de pesquisa sobre a origem familiar do aluno, que é a primeira comunidade social do indivíduo, lugar onde absorve suas primeiras influências, por exemplo, a língua, alimentação, vestuário etc.

Já que estamos atrelados a este tempo cronológico, todos nós temos um início que, não começa em nós, mas que veio antes de nós, nesse sentido, falo de cultura, dos costumes etc. Portanto, para nos situarmos como “ser”, devemos compreender por que pensamos, falamos e nos comportamos da nossa maneira. Foi proposto, então, que os alunos fizessem uma investigação e que chegassem ao seu antecessor mais longínquo e que fizessem uma reflexão sobre as influências que sofreram destes, como: raça, jeito de falar, procedimentos culturais, entre outras questões.

Fiz a pesquisa também, vivenciei a proposta. Quando pesquisei sobre minha origem familiar, cheguei a lugares emocionantes e saudosos, senti saudades até de pessoas que não conheci e de situações que não vivi. Tive uma conversa com o meu pai, uma linda e maravilhosa experiência. Ele se sentia importante ao falar de seus pais, de seus avós, em como a velha casa da roça foi construída, e ainda falava das peraltices de sua infância. Levou-me por lugares, por pessoas que eu construía ao meu modo, na minha imaginação, certamente, bem diferente do que estava em sua memória. No meu pai, – em seu modo de falar, em seu sotaque, a maneira de ver a vida e os valores – percebi as influências que ele absorveu daqueles que vieram antes dele e que foi passado a mim. Com a minha mãe, a

conversa permeou por lugares parecidos, pois nascemos na mesma região do Vale do Jequitinhonha.

Mas voltando aos alunos, a experiência superou as minhas expectativas. Alguns descobriram coisas a respeito dos seus antepassados que nem imaginavam, como casos em que a avó foi obrigada a se casar com o avô, mesmo gostando de outra pessoa. Trouxeram também a informação sobre a questão do cabelo ser liso ou crespo, alguns tinham como antepassados índios, japoneses, negros, brancos ou a mistura de tudo isto. Alguns descobriram que os seus antepassados, vieram da Europa, Ásia, de Pernambuco, Bahia, Ceará ou até mesmo de algumas regiões e cidadezinhas de Minas Gerais. Nessa experiência, descobri até uma aluna meio aparentada, cuja mãe é oriunda da minha terra natal.

Em geral, os alunos, gostaram da experiência, no entanto, surgiram algumas situações inesperadas. Por exemplo, para algumas pessoas é difícil falar de família, pois existem mágoas e feridas abertas, que elas não querem mexer. Procurei respeitar todos e não impor nada, mas quando me deram liberdade para conversar, propus a reflexão de que podemos mudar as situações, dependendo da maneira em que nos comportamos diante dela, sem falar em proselitismo, expus algumas experiências oriundas da minha fé em Jesus e de seus ensinamentos, momentos em que tive que perdoar e escolher amar, o que fez toda diferença em minha vida. Então, sugeri que pensassem na hipótese do perdão, que tem o poder para curar feridas profundas e nos limpar das mágoas para recomeçarmos uma nova história.

Depois das reflexões citadas acima, foi proposto que os alunos construíssem imagens, utilizando desenhos, colagens, pinturas ou outras possibilidades de materiais para construir uma árvore genealógica, mas não como nas aulas de Ciências ou Biologia. A árvore deveria ser construída a partir dos elementos culturais da origem familiar de cada um, como pode ser observado nas imagens abaixo: (fig. 5).



Fig. 5: Alunos da Escola Estadual Tito Lívio de Souza: *Montagem com trabalhos dos alunos*, 2015.
Desenho e colagem.

Segundo o dicionário Houaiss (2006), memória é a faculdade de conservar e lembrar estados de consciência passados e tudo quanto se ache associados aos mesmos. Nas conversas de orientação desta monografia, foi sugerida, uma volta ao início do projeto “Gênese”, onde sua essência trata-se de memória. Foi proposto aos alunos, que trouxessem ativadores de memória (lembranças), para construirmos uma “parede de memória”.

Na primeira semana de outubro de 2015, os estudantes trouxeram fotografias de famílias, de passeios, recortes de jornais, jogos, pião, pôster, caderno de receita etc. Deixei o trabalho de montar a parede sob a responsabilidade dos alunos, a maneira deles, sem se preocupar com a disposição das imagens, se uma estaria em harmonia com a outra, ou uma organização sistemática, já que as memórias não são tão organizadas o quanto pensamos. Às vezes, o que achamos que aconteceu em um tempo, na verdade aconteceu em outro. Durante a montagem via-se as brincadeiras, um caçoava da fotografia do outro e este devolvia da mesma maneira. Já outros, lembravam dos jogos de *vídeo game*, dos bons tempos da infância (fig. 6).

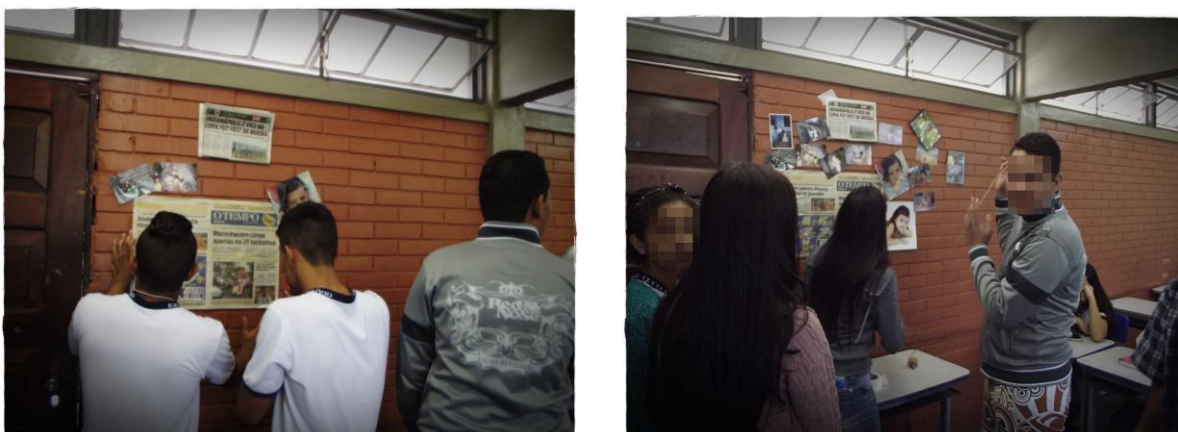


Fig. 6: Udson Xavier: Alunos montando a Parede da Memória, 2015. Fotografia.

Eles iam montando as imagens na parede, algumas coisas mais pesadas não conseguiam ficar e caíam no chão, mas deram um jeito de fixá-las. Outro problema foi o pião, seu dono indagou: *Como vou colocá-lo na parede? Não tem jeito!* Por fim, resolveu o problema colocando o objeto sobre uma mesa diante da parede. Isto me lembra o que acontece com as crianças de Reggio Children. Alguns não quiseram expor seus ativadores de memória na hora, ficaram envergonhados, parte deles, deram depoimentos para a turma, outros não se dispuseram,mas foram respeitados. Resumindo, foi uma boa experiência.

A conversa foi muito rica, diante da parede ativadora de memória, surgiram histórias surpreendentes, como de um menino, que em seu recorte de jornal, trazia a memória de um sonho e a frustração do mesmo. Ele dizia que em 2011, a primeira vez em que participou de um campeonato de Bicicross foi vice-campeão brasileiro de sua categoria, e que por esta causa foi convidado para participar de uma

competição na Dinamarca, porém, durante a disputa rompeu os ligamentos do joelho e nunca mais poderá competir. Nesse momento seu rosto entristeceu. Pedi para que ele falasse sobre o dia da reportagem e nos contou que, estava na sala de aula dormindo e chegaram os repórteres para a entrevista, então, se levantou com o rosto um pouco amassado e foi para a pista de treinamento tirar fotos e falar sobre a competição. Terminou sua fala com um sorriso no rosto e aplausos da turma. (fig. 7)



Fig. 7: Uudson Xavier: Pormenor da parede de memória, 2015. Fotografia.

Uma aluna contou uma história muito poética diante da proposta da parede. Nos primeiros anos de infância comia terra, o gosto ficou em sua memória, e toda vez que chove e dá aquele cheiro de terra molhada, sua memória é ativada e ela sente o gosto, segundo ela, é uma das coisas mais intensas em sua memória. Outra, diante da fotografia de seu aniversário de cinco anos, relatou que naquele momento, sua mãe foi para o Hospital, porque estava prestes a dar a luz ao seu irmão, por isto ela ficou muito chateada. Além disso, seu pai também teve que sair e a deixou sozinha

com os parentes, abrindo os presentes. No entanto, nem os presentes supriram a falta de seus pais naquele momento. Dois dias depois, seu irmãozinho nasceu, e até hoje ela acha ruim dividir o que quer que seja com seu irmão. (fig. 8)



Fig. 8: Udson Xavier: Pormenor da parede de memória, 2015. Fotografia.

Certo aluno descreveu diante de um pôster de time de futebol, alguns momentos de alegrias e brigas que teve com seu pai por conta da final de um campeonato disputado. Outro comentou sobre a foto que representava seu primeiro passeio ao parque de diversões junto com a família. Alguns não quiseram que seus depoimentos fossem filmados, enquanto uns, não quiseram nem falar, devido à timidez, mas enfim, foi uma experiência riquíssima, tanto para mim, quanto para os alunos. Através do texto ou das imagens é impossível descrever os bons momentos que tivemos naquela aula, a aula da “parede de memória” (fig. 9).



Fig. 9: Uudson Xavier: Pormenores da parede de memória, 2015. Fotografia.

Sempre achei que fotografias, objetos, lugares etc. eram memórias, mas em uma conversa com Maria do Céu, minha orientadora na monografia, aprendi que estas coisas são ativadores de memória. A lembrança pertence ao indivíduo que observa, sente, recorda. Mas, quando este sujeito se finda, a memória que era despertada nele se perde, por isso, a memória é tão peculiar, tão nossa. Esta foi uma das possibilidades de reflexão que consegui extrair neste trabalho. Outras possibilidades ainda nem percebi.

CONSIDERAÇÕES

A arte e a vida se apresentam diante nós, repletas de subjetividades, às vezes cometemos o equívoco de querer fazê-las, como se fossem uma ciência exata. Dessa forma, pode-se concluir que, este trabalho não se encerra como algo pronto, finito, definitivo. Mas, expõe algumas considerações do que foi percebido na minha trajetória até o presente momento.

Seguir “receitas” no ensino/aprendizagem em Arte, ao menos no início, se mostrou tentador, porém vazio. Sempre quis fazer de verdade, e isto foi o que fiz no processo de pesquisa para este trabalho. Encontrei um caminho e acredito nele, possivelmente algumas coisas mudarão no decorrer do tempo, mas não quero perder é a certeza que através das propostas e do relacionamento com os alunos, tanto eu como eles, podemos acrescentar uns aos outros, seja nos saberes ou no que não sabemos, enfim, trata-se de uma troca.

Nesse trabalho, extrai da abordagem de Reggio Children que em alguns momentos, terei de deixar o lugar de propositor e passar este direito aos alunos, pois volto a afirmar que é há uma troca de experiências entre o professor e os alunos. Assim, diante do exposto, afirmo que eu sempre estarei atento a ouvir as implicações dos alunos, para que possamos juntos vivenciar inúmeras experiências, pois acredito que dessa forma nós nos completaremos.

Por fim, para finalizar essa reflexão, deixo a frase de Loris Malaguzzi: “(...) e manter uma prontidão para mudar pontos de vistas, de modo jamais ter certezas demasiadas”. (MALAGUZZI, 1999, p. 62).

REFERÊNCIAS:

Colunista portal da educação. *Vygotsky e o Sócio-interacionismo: Psicologia da educação*. 2013. Disponível em: < <http://www.portaleducacao.com.br/psicologia/artigos/37955/vygotsky-e-o-socio-interacionismo-psicologia-daeducacao#ixzz3qokYT BIS> > Acesso em 07 de novembro de 2015.

EDWARDS, Carolyn. FORMAN, George. GANDINI, Lella. *As Cem Linguagens da Criança: A abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*; trad. Dayse Batista. Porto Alegre, RS: Artmed, 1999.

GENTILE, Paola. *Pedagogia dos Sentidos*. 2002. Disponível em: < <http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/4-a-6-anos/pedagogia-sentidos-422945.shtml> > Acesso em 9 de setembro de 2015.

MACHADO, Geraldo Magela. *Vygotsky*. Disponível em: < <http://www.infoescola.com/biografias/vigotski/> > Acesso em 07 de novembro de 2015.

OLIVEIRA, Maria do Céu Diel. *A Pedagogia da Escuta: A relação entre ensino e cidades reais e imaginárias*. 2005. Disponível em: < <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/05.011/1653> > Acesso em: 9 de setembro de 2015.

SANTOS, Marco Aurélio Da Silva. *Terceira Lei de Newton: Brasil Escola*. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/fisica/terceira-lei-newton.htm>>. Acesso em: 19 de novembro de 2015.